Luisa Helena Silva Meirelles – Bacharel em Design de Moda – (SENAI - CETIQT)
Alberto Cipiniuk – Dr. (PUC – RIO)

Uma abordagem ao campo da moda no Rio de Janeiro: o caso da favela Rio das Pedras

Luisa Helena Silva Meirelles – Design - (SENAI - CETIQT)
Alberto Cipiniuk - Design (PUC – RIO)

RESUMO

Este artigo aborda alguns aspectos da pesquisa de mestrado em design que está sendo realizada no programa de pós-graduação da PUC - Rio, cujo objetivo consiste em estabelecer relações entre o design de moda institucional e as atividades produtivas informais, praticadas por costureiras e comerciantes de forma artesanal na favela carioca de Rio das Pedras.

Palavras chave: design, favela, moda

ABSTRACT

This paper addresses some aspects of my master's project at PUC in Rio de Janeiro, which the main goal is to investigate the relationship between fashion design and informal labor of tradesman and dressmakers who produce handmade clothing at Rio das Pedras community.

Keywords: design, community, fashion

O presente trabalho procura problematizar o campo do design de moda institucionalizado e o processo de produção popular no universo da favela Rio das Pedras, em Jacarepaguá, Rio de Janeiro. Nossa proposta é discutir as tensões existentes por conta das aproximações entre o design de moda comercializado em boutiques de luxo e o trabalho artesanal[1] realizado por produtores não especializados, como costureiras que trabalham em oficinas artesanais que, por vezes os

[1] Neste trabalho o emprego do termo artesanal refere-se às práticas profissionais em que um mesmo indivíduo desenvolve diversas etapas do processo, não significando que ele execute todas as etapas, nem que esta atividade não utilize maquinário industrial. Sabemos que, com a divisão dos trabalhos na sociedade industrial, o artesão não participava mais de todos os estágios da produção e que o design, com o sentido de projeto, passa a ser uma atividade separada da produção.

comercializam em feiras e outros meios informais. Buscamos exemplificar a circularidade do campo da moda no meio urbano do Rio de Janeiro considerando a produção artesanal como uma práxis popular que é apropriada pelo campo erudito ou institucional.

Consideramos apoiados em Bourdieu[2] que o campo é um espaço simbólico onde as ações operam, assemelha-se ao campo magnético quanto às forças que incidem sobre ele, composto por agentes que produzem, recebem e consagram ou legitimam as mercadorias. Consideramos também, para esta análise, que o mercado de marcas consagradas se organiza de modo semelhante ao campo de produção erudita, e a produção popular assemelha-se a indústria cultural, dessa forma o mercado de marcas funcionaria como uma arena fechada em si mesmo, criando os princípios que regulam a produção, recepção e circulação das mercadorias.

Para compreender esse processo, procuraremos identificar quais os métodos[3] utilizados pelos artesãos, feirantes, pequenas facções, comerciantes e consumidores e que influências estéticas e culturais o permeiam. Conhecer o processo de fabricação dos produtos de moda e seus agentes torna-se relevante para verificar em que medida existe uma intencionalidade para a realização da atividade de design por parte dos moradores da favela Rio das Pedras; que rede de relações é estabelecida entre subalternos e hegemônicos; quais os significados simbólicos que estes produtos carregam; e, para além da produção, quais os critérios valorativos de origem social que consagram certos modelos e não outros. Também procuramos estabelecer de que maneira essa estrutura de produção e comercialização popular associa-se ao contexto mais geral da moda no Rio de Janeiro, como parte da produção de moda em boutiques de luxo da cidade.

Nesse sentido, nossa intenção é investigar em que medida a atividade projetual, inerente ao design, se faz presente em um contexto onde a precariedade material, aliada a uma suposta riqueza criativa popular são características marcantes. Nosso objetivo é investigar se existe um “projeto de design” no processo de produção de

---

[2] BOURDIEU, Pierre. O mercado dos bens simbólicos ,2005.

[3] O processo é composto de etapas de um roteiro que o designer percorrerá até desenvolver seu produto e/ou pesquisa. Em modelos consultados por Luiz Antonio Coelho e reproduzidos por ele de forma simplificada no texto intitulado “Percebendo o Método” nota-se que o processo se refere a estrutura, a base de um determinado projeto enquanto que o método é flexível, adaptando-se a cada projeto. O processo seria a parte pré-estabelecida do projeto, as etapas sucessivas para atingir determinado fim, enquanto que o método seria o conjunto de procedimentos utilizados em cada etapa do trabalho.

moda em Rio das Pedras, semelhante aos meios institucionalizados ou se poderíamos aplicar o conceito de hibridação das culturas, como definido por Canclini,[4] em que processos sincréticos se desenvolvem a partir dos contatos culturais entre grupos sociais heterogêneos, a fim de delimitar em que medida o produto de moda comercializado no espaço da favela possui características híbridas.

A questão que se coloca é: o que caracterizaria as diferenças entre as práticas industriais e as práticas artesanais? Em que medida o emprego de maquinário confere caráter industrial a determinado objeto? A prática artesanal consiste só em desenvolver produtos que contenham características identitárias regionais do Brasil, mesmo que esses produtos sejam desenvolvidos no modelo fordista de produção? Quais as fronteiras existentes entre cada uma dessas práticas?

A atividade de design aqui é compreendida como uma prática social, que tem por objetivo dar forma aos objetos a partir do desenvolvimento de um projeto elaborado previamente, para atender a um fim específico (COELHO: 2008: 187).

O viés empregado é de cunho sociológico, considerando o fenômeno da moda como artefato cultural, em que é importante entender o conceito de cultura, já que os objetos produzidos – sejam eles resultado da atividade do design ou não – são veículos de troca e interação social desde sua concepção até o momento em que começam a circular como mercadorias.

Assim, a cultura permeia toda a atividade humana, cultura como referido no termo inglês *culture*, isto é, como o conjunto de crenças, arte, lei moral, costumes ou hábitos adquiridos pelo homem como membro da sociedade, e engloba dois conceitos: o germânico *Kultur*, que simboliza os aspectos espirituais, e o francês *civilization*, que se refere aos aspectos materiais de um povo (LARAIA: 2001:25).

A cultura é dinâmica e não exclui as diferenças, ao contrário, se alimenta delas, possibilitando assim a existência de diversas formulações simbólicas (VELHO: 1999:); em que o que é local torna-se relevante para se pensar questões de identidade cultural, e não necessariamente um gueto social.

Nesse contato entre os diferentes universos culturais no mesmo meio urbano destacam-se três processos de intersecção: os cruzamentos dos diversos modos de

[4] CANCLINI, Nestor Garcia. *Culturas Híbridas*: Estratégias para entrar e sair da Modernidade. São Paulo: Edusp, 2006. Para Canclini hibridação consiste em "processos socioculturais nos quais as estruturas ou práticas discretas, que existiam de formas separadas, se combinam para gerar novas estruturas , objetos e práticas".

culturas; a produção de sincretismos pelas culturas locais; e a maior ou menor transformação dos indivíduos, protagonistas que transitam entre os mundos culturalmente diferenciados.

Velho denomina a lógica de intersecção e contextualidade como “campos de possibilidades”, afirmando também que as culturas populares não estão isoladas, mas em constante relação com o restante da sociedade. Entretanto, “guardam não só tradições próprias como têm formas particulares de se apropriar e interpretar outros níveis e dimensões culturais da sociedade abrangente” (VELHO: 2001: 22).

> Cada vez mais, na sociedade moderno-contemporânea, a construção do indivíduo e de sua subjetividade se dá através de pertencimento e participação em múltiplos mundos sociais e níveis de realidade. Assim a *viagem* pode se dar internamente a uma sociedade específica diferenciada, não significando mais necessariamente um deslocamento geográfico, físico-espacial, mas, sobretudo, um trânsito entre subculturas, mundos sociais, tipos de *ethos* ou mesmo entre papéis sociais do mesmo indivíduo. (VELHO, 2001:20).

Sob essa ótica, consideramos que para entender os significados dos objetos produzidos e comercializados é necessário conhecer o contexto social em que esses objetos foram gerados, o que é fundamental para entender os produtos e suas demandas.

Refinando o conceito de favela e aplicando-o à favela Rio das Pedras

A popularização do termo favela para designar essas aglomerações urbanas, começou com o retorno dos combatentes de Canudos ao Rio de Janeiro, que encontraram no Morro da Providência, onde construíram suas moradias, não apenas semelhanças topográficas,[5] mas também simbólicas, em virtude da resistência promovida contra o adversário poderoso e dominador.

Nesse sentido, Valladares (2005:158) aponta a influência de “Os Sertões” de Euclides da Cunha, como constituinte do mito fundador da representação social da favela, comparando as características presentes no povoado de Canudos com as favelas contemporâneas, como: topografia, ausência de propriedade privada, ausência

[5] a planta favella encontrada no Morro do mesmo nome, situado no município baiano de Monte Santo (BA) também presente no Morro da Providência, localizado na região central do Rio de Janeiro; e a resistência dos combatentes durante a guerra de Canudos,

de domínio do Estado e das instituições públicas, bem como a manutenção do poder concentrada em um chefe não reconhecido pelas instituições oficiais.

Para muitos pesquisadores[6] a noção de favela está associada à ausência e a escassez[7], ou seja, a partir do que ela não possui em relação à cidade formal. Contudo, para o Observatório de Favelas[8] estas devem ser entendidas e reconhecidas em suas especificidades sociais e territoriais.[9]

Há mais de um século diferentes significados são atribuídos ao espaço da favela: ora percebido como o lugar da genuína cultura popular; ora associado ao lugar do povo indolente ou amoral. Sua história é parte importante da história da modernização conservadora brasileira, pois a partir dela, os segmentos subalternos da sociedade tiveram acesso aos bens públicos como água e luz e negociaram direitos sociais como saúde e educação.

Localizada no bairro de Jacarepaguá, próxima à Barra da Tijuca, Rio das Pedras tem o Maciço da Tijuca como paisagem ao fundo e a Lagoa de Jacarepaguá como um dos seus limites. Favela tipicamente horizontal, ocupada majoritariamente por nordestinos[10] a partir dos anos 1960, teve sua migração acentuada nos últimos vinte anos, possuindo atualmente população superior a maioria das cidades brasileiras.[11] Os moradores de Rio das Pedras têm apego ao lugar e criaram uma imagem de um oásis em meio ao caos e à barbárie, principalmente por não haver no local a tensão decorrente do tráfico de drogas. Entretanto, existem outros mecanismos de controle sociais responsáveis pelo afastamento da população de Rio das Pedras em relação à cidade formal: "*A favela protege o pobre do abismo da miséria completa, ao mesmo tempo em que o mantém refém de um sistema perverso que o exclui das polis*." (BURGOS: 2002: 25).

---

[6] Vide: Souza & Barbosa e Marcelo Baumann Burgos.

[7] O conceito de "cidade escassa" foi desenvolvido por Maria Alice Rezende de Carvalho em "Violência no Rio de Janeiro: uma reflexão política"(Pereira, C.ª Messeder el tal. Linguagens da Violência. RJ:Rocco,2000 e apresentado por Burgos em A utopia da comunidade (2002).

[8] Organização da sociedade civil de interesse público (OSCIP), fundado e composto por pesquisadores oriundos de espaços populares.

[9] A falta de investimentos pelo Estado e pela economia formal; a visão estigmatizada por parte dos moradores de outras regiões da cidade; a informalidade e o subemprego; índices educacionais e econômicos abaixo da média em relação ao conjunto da cidade; densidade demográfica superior a média da cidade, com predominância de negros; a predominância das construções para fins de moradia, porém sem os parâmetros definidos pelo Estado, revelando que nestes espaços sua soberania é inferior a media do restante da cidade; e a valorização dos espaços comuns como lugar de encontro das pessoas que estabelecem intensas relações de vizinhança.

[10] Cerca de 54% de sua população é originária da Paraíba, Ceará e Bahia.

[11] Segundo Censo de 2000 a população de Rios das Pedras era em torno de 40.000.

Existe em Rio das Pedras uma hierarquia dos espaços, expressada pela relação geográfica que suas áreas têm com o centro de poder, representado pela Associação de Moradores,[12] o que permite entender que o lugar físico tem relação com o lugar social e que existe mobilidade social dentro da própria favela. O estudo da ocupação do território revela uma clara aliança entre o poder público e as lideranças comunitárias, demonstrando que "*nessa estranha lógica*" (BURGOS: 2002:) a favela não surge da falta de política habitacional, mas como decorrência de uma política habitacional deliberada.

Em Rio das Pedras, como em outras grandes favelas, existe um comércio intenso e diversificado – representado em grande parte por negócios familiares e, geralmente informais o que evidencia uma atividade econômica pujante. Contudo, é preciso avaliar em que medida a riqueza gerada na favela favorece a democratização de seu território e a conseqüente emancipação de seus indivíduos.

Quase um quinto da população carioca vive em favelas, onde a casa significa além da residência, fonte de geração de renda, ao possibilitar a construção de um puxadinho, que pode se tornar um pequeno comércio. A laje tem um sentido mais amplo, pois é local de lazer, permite a expansão das moradias representando a expectativa do futuro.

As favelas estabelecem elos sutis e penetrantes com a cidade formal através das relações de seus moradores. Os contatos culturais entre "favela" e "asfalto", em geral se dão com os primeiros convivendo no universo dos segundos por meio das relações sociais de produção.

Apresentamos duas imagens que consideramos representativas quanto aos aspectos que estão sendo tratados, contudo o exemplo refere-se ao emprego do termo design, não estando diretamente relacionado aos produtos de moda.

[12] A Associação de Moradores de Rio das Pedras - AMARP foi criada em 1969 para garantir a permanência dos moradores no local, consolidando-se a partir de 1979, para atender às necessidades de organização e ocupação do território.

apropriação do termo design

apropriação do termo design

A pesquisa de campo

Pretendemos com a pesquisa de campo estabelecer os contatos existentes entre a cidade formal e a informal, a partir da realização de entrevistas com costureiras, artesãos/feirantes e moradores. Buscaremos conhecer o processo de fabricação dos produtos de moda, considerando as fases de planejamento e realização, bem como, a partir da solicitação para que os entrevistados desenvolvam material fotográfico sobre o que é moda na favela. Pretendemos estabelecer nossa discussão, também, a partir da perspectiva e do olhar destes moradores. Estamos cientes de que não são profissionais formados em escolas de arte, ou de design de moda, mas gostaríamos de compreender melhor as relações entre o campo erudito da moda e os processos de fabricação populares. Seriam eles determinantes? Qual seria efetivamente essa influência?

O material desenvolvido com a pesquisa de campo norteará o restante do trabalho, cujo objetivo será relacionar os métodos e processos informais de concepção e desenvolvimento de produtos de moda, com os modelos empregados em disciplinas de projeto ministradas em instituições de ensino, ou seja, os modelos formais praticados nessas instâncias de legitimação do campo do design de moda.

Prosseguiremos na pesquisa considerando a noção de “sistema” [13] da moda a partir da conjunção de duas lógicas: a fantasia estética e a efemeridade, em que a imposição de uma regra de conjunto coexiste com a manifestação do gosto pessoal (Lipovetsky: 2002:35), para pontuarmos aspectos referentes à difusão da moda, e

[13] Nesse trabalho fazemos uma distinção entre o termo “sistema de moda” em Lipovetsky e o termo “campo da moda”. O segundo termo nos parece mais apropriado e tem sua origem na noção de campo de Pierre Bourdieu.

problematizarmos em que medida a “lei cultural” apontada por Bourdieu e as teorias clássicas de difusão como a *trickle-down* ainda atuam no campo da moda.

Fecharemos este trabalho nos remetendo à posição de Canclini (2006:25) sobre a maneira com que as camadas populares são situadas historicamente, comumente excluídas do mercado de bens simbólicos considerados legítimos, frequentemente associadas ao pré-moderno, situando-se no aspecto da produção como artesãos que desenvolvem suas atividades em “ilhas pré-industriais” e na recepção como destinatárias e espectadores. Logo, investigar manifestações populares urbanas propõe a possibilidade de estabelecermos um diálogo entre design de moda industrial e artesanal, além de abrir a possibilidade de entendermos de que forma esses moradores se apropriam e reinterpretam as informações de moda.

Bibliografia

BOURDIEU, Pierre. O mercado dos bens simbólicos. In: *A economia das trocas simbólicas.* São Paulo: Perspectiva, 2005.

_____ *O poder simbólico.* Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2007.

BURGOS, Marcelo Baumann. *A utopia da comunidade*; Rio das Pedras, uma favela carioca. Rio de Janeiro: PUC - Rio, 2002.

CANCLINI, Nestor Garcia. *Culturas Híbridas*: Estratégias para entrar e sair da Modernidade. São Paulo: Edusp, 2006.

COELHO, Luis Antonio L. (org). *Design Método*. Rio de Janeiro: Editora PUC-Rio, 2006.

_____ *Conceitos-chave em design* Rio de Janeiro: Ed. PUC-Rio, 2008.

_____ *Percebendo o Método* In: COUTO, Rita M.S. e OLIVEIRA, Alfredo J. (orgs). *Formas do Design*: por uma metodologia interdisciplinar. Rio de Janeiro: 2AB- PUC - Rio, 1999

CORDEIRO, Graça Índias e COSTA, António Firmino da. Bairros: contexto e interseção. IN: VELHO, Gilberto (org.). *Antropologia Urbana* cultura e sociedade no Brasil e em Portugal. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1999.

CRANE, Diane. *A Moda e seu papel social;* classe, gênero e identidade das roupas. São Paulo: SENAC, 2006.

FORTY, Adrian. *Objetos do Desejo*. São Paulo: Cosac Naify, 2007.

LARAIA, Roque de Barros. *Cultura um conceito antropológico.* Rio de Janeiro: Zahar, 2001.

LIPOVETSKY, Gilles. *O império do efêmero:* a moda e seu destino nas sociedades modernas. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.

SILVA, Jailson de Souza e; & BARBOSA, Jorge Luiz. *Favela:* alegria e dor na cidade**.** Rio de Janeiro: SENAC, 2005.

SILVA, Luis Antonio Machado. A continuidade do "Problema da Favela". In: OLIVEIRA, Lúcia Lippi (org) *Rio de Janeiro: história e desafios.* Rio de Janeiro: FGV, 2002. Disponível em http: www.Cpdoc.Fgv.br

VALLADARES, Licia do Prado. *A invenção da favela* Do mito de origem a favela.com. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2005.

VELHO, Gilberto e KUSCHNIR, Karina. Mediação, Cultura e Política. Rio de Janeiro: Aeroplano, 2001.

_____ *Projeto e Metamorfose* Antropologia das Sociedades Complexas. RJ: Zahar, 1994.

ZALUAR, Alba; ALVITO, Marcos (orgs.). *Um século de Favela.* Rio de Janeiro: FGV, 2006.